

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

22.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

SETEMBRO 30, 1837.



GIBOYA ESMAGANDO UM TIGRE.

AS GIBOYAS.

(Boa.)

Os boas, ou serpentes giboyas, são os maiores animaes da sua ordem (*ophidios* *). A este genero pertencem essas monstruosas cobras, que ás vezes chegam a trinta, e a quarenta pés de comprido, e que dizem serem capazes de devorar homens, touros, &c.

Ainda que tão enormes reptis são destituídos de veneno, a sua força, agilidade, e astucia os faz temiveis. Ou pendurados das arvores, ou mergulhados n'agua, ou escondidos por entre a herva, espreitam a presa, arrojam-se a ella, e a enleiam, apertam, e machucam com suas roscas: por este modo a victima fica, como o Laocoonte de Virgilio, afogada, e moída; e assim quebrados os ossos, a podem mais facilmente engolir.

Quando o animal está inteiramente ralado, a giboya o estende no chão, e depois de o untar com a

baba, começa de o tragar. Nesta especie de deglutição dilata consideravelmente as queixadas, e parece que devora um corpo mais volumoso que o seu. Ás vezes é pillado o monstro nesta penosa obra, e então é facil mata-lo; porque nem póde fugir, nem desgargar-se. Quando engole um animal inteiro, ou parte consideravel d'elle, entorpece, e faz difficulosa digestão; e para que o esophago, primeiro, e depois o estomago, a completem, necessita estar immovel, e por isso se recolhe a sitios remotos até que a putrefacção amolleça a substancia animal, e os succos gastricos a macerem completamente.

Das diversas especies de giboyas mencionaremos a constringente (*boa constrictor*), a que os Francezes chamam *devin*. É das serpentes maiores, e muito notavel pelo comprimento, força, belleza das cores, e regularidade das malhas. As tribus selvagens lhe tributam culto sob varias denominações; e os Mexicanos tinham como presagios importantes os assobios mais ou menos fortes que ella dá.

O sabio naturalista Adanson viu fragmentos de uma com mais de tres palmos de circumferencia. Quando roja sobre as hervas, as esmaga, e quebra, como se fossem aplanadas pelo cylindro de jardineiro. A giboya constringente não investe o homem, e parece teme-lo; e é mui vagarosa nos movimentos. Muitas vezes se acha occulta, e enroscada em espiraes, á bor-

* Os reptis de corpo escamoso, sem pés, e sem guelras. As giboyas são um genero desta ordem, e distinguem-se por terem debaixo da cauda e ventre uma só fileira de placas semi-circulares: a maior parte das especies não tem veneno, e algumas são d'excessiva grandeza. — Quem estiver presente nas breves noções, que démos em o nosso N.º 2 a pag. 11, póde bem comprehender estes termos.

da dos ribeiros, á espera de presa. Nesta attitude fórma um disco de obra de dez palmos de diametro, e do centro ergue de quando em quando a cabeça para observar quem vem. Se acontece ser a presa vigorosa, forceja pela arrastar para o pé de uma arvore, e enlaçando com as mesmas voltas a victima e o tronco onde a immola, com menos fadiga lhe sujeita os movimentos, e serve-se da resistencia do lenho para lhe moer os membros.

O focinho das cobras desta especie tem sua parecença com o de um cão de caça.

A que está figurada na estampa, que acompanha este artigo, é da especie chamada giboya gigante (*boa gigas*). É a maior de todas: habita as regiões quentes da America; e não se acha no antigo continente. Tem as escamas quadradas, e ao comprimento do costado uma camada seguida de grandes malhas ovaes, de pardo mui escuro, postas transversalmente duas a duas. Na Cayanna lhe chamam *la depone*.

A INDUSTRIA DA MINERAÇÃO EM HESPAÑHA.

No TEMPO dos Romanos a Hespanha fornecia chumbo, estanho, ferro, cobre, prata, ouro, e mercurio, ou azougue: no dominio dos Mouros continuaram activamente muitas explorações; mas quando foram expulsos para Africa, a industria da mineração quasi se anniquilou nas mãos dos vencedores. Por occasião do descobrimento d'America, os reis d'Hespanha, para favorecer as minas do Novo-Mundo, que eram para elles manancial de mais avultadas rendas, prohibiram quasi inteiramente as explorações na Peninsula, e só ficaram trabalhando as minas de Almaden, que mandavam annualmente para o Mexico 5 a 6 mil quintaes de mercurio, necessarios para a extracção dos metaes preciosos; a producção annual d'Almaden subiu até a 18 mil quintaes, no meado do seculo passado.

Todavia as guerras que a Hespanha sustentou, já com a França, já com as colonias, trouxeram a industria mineralogica ao apuro de decadencia, em que se achava em 1820. Nesta epocha desappareceram os regulamentos, que pèavam as explorações, e que eram por tal fórma embaraçosos, que Fernando os não restabeleceu; e em 4 de Julho de 1825 a legislação das minas em Hespanha se estabeleceu conforme as principaes bases da legislação franceza.

No itinerario da recente viagem de Mr. Le Play, engenheiro de minas, lê-se o seguinte. — « A população do paiz montuoso das Alpujarras, que desde a expulsão dos Mouros vivia em profunda miseria e desmoralisação, acordou subitamente da apathia ao saber que o monopolio odioso tinha cessado, e se applicou com fervor á exploração das minas de chumbo, em que abunda o seu paiz. O resultado avantejou-se ás esperanças ainda as mais exaggeradas, poucos mezes bastaram para crear estabelecimentos a pobres camponeses, a quem favorecia o acaso: os exploradores se multiplicaram infinitamente, e de 1826 para cá mais de 3:500 minas, ou excavações importantes se pozeram em actividade nas serras de Gador e de Lugar. Antes de 1820, as fabricas reaes, unicas que tinham o privilegio de fundir os metaes, que compravam por um preço taxado pelo governo, não produziam annualmente mais do que 30 a 40 mil quintaes de chumbo. Em 1823 já montava a producção a 500 mil quintaes, e em 1827, epocha da maior prosperidade da fabrica, subia a 800 mil quintaes.

O prodigioso desenvolvimento da industria fez grande impressão. Todos pensaram acharem-se em um terreno que bastava rasga-lo para exhibir aos prescruta-

dores afortunados uma somma de inexauriveis thesouros. Infelizmente a falta de intelligente direcção quasi sempre obsta ao bom exito das empresas. A Hespanha soffreu o castigo, neste ponto, da negligencia com que tractou o impulso progressivo, que, ha trinta annos, as sciencias tem recebido na Europa! »

Porém o subito desenvolvimento da industria mineralogica no reino de Granada foi para o governo uma boa lição. Crearam-se duas escholas de mineração, uma em Madrid, outra em Almaden: mandaram-se alumnos á de Freyberg na Saxonia; e chamaram-se muitas pessoas, que desterradas por motivos politicos estudaram as sciencias e processos da industria em França, Inglaterra, Hollanda, e Allemanha.

Hoje a exploração das riquezas mineraes da Hespanha prosegue activamente, e desenvolve-se por toda a parte; como, na Andaluzia e Galliza, as minas de ferro; nas fronteiras de Portugal as de cobre de Rio-Tinto; na Mancha, em Alcaraz, as de calamina; na provincia de Jaen, e na Catalunha, as de chumbo, que se exploram apesar da concorrência com as da serra de Gador. Nas Asturias, nas visinhanças de Oviedo, grandes bancos de carvão de pedra. Os barcos de vapor, que em 12 horas vão de Sevilha a Cadiz, fornecem-se de uma mina proxima á primeira cidade.

O TRABALHO, E OS CAPITAES.

Á PROPORÇÃO que se for dilatando a instrucção pelas classes inferiores da sociedade, o povo se irá desabuzando das falsas idéas, que prevalecem entre os operarios, de que o trabalho manual é a unica fonte da riqueza; de que elle não é adequadamente remunerado por combinação dos ricos contra os pobres; de que o trabalho mental não é valioso; de que a prosperidade, ou riqueza, não deve ser transmittida, nem accumulada; de que o tirar interesse, ou juro, do dinheiro emprestado, ou do capital empregado, é injustiça; e outras semelhantes. Convém que o povo rude, a quem taes fallacias illudem como verdades, conheça que a *instituição da sociedade politica* dimana da *protecção concedida á propriedade*, e que tal sempre tem sido, e continuará a ser o seu principal fim; que a igualdade que apparecesse hoje viria forçosamente a ser desigualdade amanhã; que o trabalho não teria applicação, nem se poria em movimento se não fossem os meios da riqueza, ou, o que é o mesmo, os capitaes; donde o trabalho vem a ser o resultado do emprego dos capitaes; que os ricos são tão necessarios aos pobres, como estes aos ricos, donde se vê que tudo na vida social é reciprocidade; que não é injustiça dar aos illustres pintores Raphael, ou Ticiano, maiores estipendios do que aos moços que móem as tintas. James Wat, que fez a applicação do vapor ás machinas, foi mais util á sociedade, e mais digno de apreço, do que quinhentos mil homens ordinarios. Se a classe trabalhadora persistisse em tão nescios pensamentos, justamente crearia inimigos naquelles que aliás seriam seus amigos razoaveis e uteis; e enganar-se-ha muito imaginando que a riqueza não tem meios, nem deliberação, para defender a sua propriedade dos ataques da injustiça, e da ignorancia.

O que um bom governo póde fazer é proporcionar a todos os meios de adquirirem conhecimentos uteis, e não pôr obstaculos ao progresso da industria, e do talento.

Que estimulo poderá haver para a industria, e frugalidade, se o homem for privado de legar os seus lucros, e economias á sua familia? Que regulação de salarios, ou estipendios, poderá estabelecer-se, se não for o voluntario contracto entre quem pertende ser

servido, e aquelle que quer servir, seja qual for a natureza do trabalho? Já se vê que as propriedades necessariamente se accumulam, e que a sua igualdade é tão chimerica, como a das physionomias; que o trabalho é um genero de permutação, e que o seu preço, como de tudo mais, é regulado pela competição de merecimento, pela necessidade da sua applicação, e por outras circumstancias.

A natureza, e os inevitaveis incidentes da sociedade, teem promovido desigualdades, que tambem são inevitaveis. É necessario que cada um de nós, em nossas relativas posições, tranquillamente se submetta ao que não pôde evitar. Nem os pobres ficariam felizes por se apossarem dos bens dos ricos; porque as mesmas disputas que existiam antes da invasão das propriedades, se suscitariam na partilha do despojo; e então, ou a desigualdade daquellas se renovaria, ou a guerra seria continua. Por tanto a idéa da primitiva republica franceza foi um sonho enganoso, e prejudicial. É nossa profunda convicção que semelhante tentativa nenhum esforço, nenhuma união, por mais formidavel que seja, poderá levar a cabo.

Alguns advogados da divisão da propriedade aconselham que, por morte de qualquer membro da sociedade, seja abolido o direito exclusivo da viuva, e dos filhos, e se reparta a herança por todos os outros membros da sociedade, de idade adulta. Não hesitamos em afirmar que se tal distribuição se effectuasse dentro em pouco cessariam de haver propriedades para distribuir.

(Extrahido das lições d'economia politica de Cooper.)

O CARRO DA NOIVA NA ALLEMANHA.

USAVA-SE antigamente na Allemanha uma cerimonia nupcial, que consistia em conduzir a noiva ao seu futuro esposo, com o enxoval que trazia de dote, em um carro chamado o *carro da noiva*, e esta pratica era acompanhada, principalmente em Hesse, de ceremonias singulares, que um auctor antigo descreve nos termos seguintes:

O carro tem a fórma do dos ceifadores; é amplo, guarnecido de degrãos, e ornado de tiras de papel pintado: toldam-no dois grandes arcos triumphaes forrados de flores e de rama de pinheiro, cabem-lhe cinco pessoas a par, e costuma sair de casa do futuro marido para ir buscar a noiva. Na parte anterior ha uma bancada para os musicos, na qual tambem vão algumas vezes a madrinha, a quem cumpre animar a donzella, e as damas de honor.

Em chegando ao cabo do caminho apeam-se as damas de honor, sem dizerem palavra, e são introduzidas na alcova da menina, onde tomam parte n'um almoço, e bebem cerveja, e vinho quente. Entretanto tocam os musicos peças alegres, e vivas; mas depois do almoço, pelo contrario, cantam algum romance mavioso, cujo assumpto é ordinariamente religioso, e dahi saem com as demais pessoas presentes, do quarto em que só fica a noiva, a qual se retira para traz do lar: então a madrinha, que tem a seu cargo apresenta-la ao esposo, entra na casa, e repete tres vezes estas palavras:

«Nós vos saudamos, grandes e pequenos reunidos!
«Vimos noticiar-vos isto: trazei-nos a joven noiva,
«vossa filha, porque lhe edificamos uma casa para
«habitar durante a sua vida. Kyrie eleison!»

Depois tornam a entrar no carro com os musicos as damas de honor, que levam as cabeças descobertas, e as lours madeixas entretecidas de fitas e rosmaninho. Neste momento, as vozes e os instrumentos entoam um cantico religioso, que assim começa: «O que

Deus faz é bem feito.» Depois de breve pausa continuam a cantar:

«A noiva está em casa; porque tarda em apparecer?»

Um dos cavalleiros de honra põe uma cadeira do lado direito do carro, e em breve o segue outro, que traz a roca da noiva, mimo das suas amigas, que é do estilo ser preparada no domingo antecedente ao dia do casamento, e que costuma ser enfeitada com fitas, e carregada de linho fino, ao qual se dá a figura de uma campainha. Na parte superior tem a roca enxerido um enorme ramilhete d'onde pendem doze fusos pintados.

A madrinha da noiva sáe de casa levando o véo nupcial e sobe ao carro: segue-se, acompanhada de seu pai ou padrinho, a propria noiva, para a qual ha reservado um assento chamado o *assento liere*, que deve ter sido feito de proposito para a cerimonia. Em tudo estando prompto, dirige-se o padrinho aos musicos nestes termos:

«Ressoem e executem novos hymnos os vossos instrumentos! Embocai a trombeta sylvestre, e louvai a Deus em todas as horas!» E eis que os musicos começam a assoprar quanto podem nos seus instrumentos, em quanto o carro roda, seguido algumas vezes de outros muitos carregados de objectos que lhe pertencem. Mas esta pomposa marcha é subitamente interrompida, porque uns cavalleiros d'honra, e mancebos de cavallo, armados de brandões, emprehendem queimar a roca da noiva dentro do carro. Trava-se por tanto um conflicto para defende-la contra os assaltos dos mesmos cavalleiros, que em tempos mais antigos procuravam arrebatam e despojar a noiva, o que dava logar a descarregarem-se de parte a parte bem puchados pescções.

As cantilenas, e as vozes dos instrumentos recreiam a gente do noivado, até chegarem ao lugar onde o esposo, cercado de amigos e cavalleiros d'honra, sáe ao encontro da noiva. Alli, lançando mão d'um fuso, uma das damas de honor torce sem descontinuar tres fios com o linho da roca, e passa-os ao fuso, que deita para traz de si; um parente a cavallo dá tres voltas á roda do carro, e outro, que havia sido deputado á noiva, encaminha-se para o noivo, e recita-lhe uma extensa pratica, recheada de citações da Biblia, na qual, entre outras coisas, narra a historia de Tobias. Vem depois os cavalleiros d'honra cumprimentar a noiva, e o carro se dirige á casa conjugal, saudada com festivaes applausos. Apea-se o noivo do cavallo ao chegar á porta, e em quanto os musicos tocam uma peça religiosa acompanhada de vozes feminis, vai buscar uma cadeira, e depõe-na á direita do carro, para ajudar a noiva a apear-se, e passados alguns instantes, tendo ambos trocado as vestes nupciaes, as fitas, e as corôas, por mais singelos vestidos, dirigem-se á igreja com os musicos e as demais pessoas do noivado, onde recebem as benções matrimoniaes.

O VESTUARIO SINGULAR.

Mr. de Louvois tinha sempre sido uma cabecinha de vento. Achando-se em Porest aos 18 annos d'idade carregado de dividas, e sem real, escreveu a seu pai para ver se lhe pilhava mais algum dinheiro, porém como não recebesse resposta, desfez-se de todo o seu fato para ter com que fizesse a jornada, e ficando apenas com um unico traste da sua guarda roupa, que era um fraque velho já sem pello, poz-se a caminho para a quinta de Louvois, onde o marquez de Souvré, seu pai, o recebeu com cara de ferreiro. Não se atreveu Mr. de Louvois a repetir o seu peditorio nos primeiros dias, porém como Mr. de Souvré lhe dissesse

uma tarde que no seguinte dia viriam jantar no seu palacio certas senhoras das mais respeitaveis da visinhança, e accrescentasse: espero que vos resolvais a despir essa borjaca de viagem, e a vestir-vos com decencia. Mr. de Louvois, sem cair em dizer-lhe que não tinha mais que o vestido que trazia em cima do corpo, declarou-lhe que não trouxera senão o seu fato velho, mas que desejava fazer um vestuario novo, e aproveitou logo esta occasião para pedir dinheiro. Negou-lh'o Mr. Souvré com um modo tão desabrido, que Mr. de Louvois, perdendo todas as esperanças, não ousou ateimar, e contentou-se com responder-lhe que appareceria com outro vestido. Ora, havia na alcova em que elle dormia um panno de raz velho com grandes figuras. Mr. de Louvois corta-lhe um pedaço que representava Reinaldo e Armida, manda chamar a toda a pressa o alfaiate da aldeia, e determina-lhe que lhe faça daquella tapeçaria uma casaca, calções, e vestia; que perca a noite, e que sem falta lhe traga tudo prompto pela manhã muito cedo. O alfaiate, para dar alguma regularidade a esta obra singular, fez as mangas dos dois braços de Armida, e nas cos-

tas da casaca arranjou a cabeça de Reinaldo, ornada d'um elegante capacete; duas carinhas de amorinhos, e os fragmentos d'um escudo compunham o resto do vestido, com que Mr. de Louvois se paramentou saltando de contente. Ataviado por este bom gosto no mez de Julho esperou impaciente no seu quarto a chegada da companhia, e logo que sentiu rodar as carruagens no pateo, desceo velozmente a escada, apesar do pasmoso peso da sua armadura, para ajudar a apeiar as senhoras, o que fez com toda a seriedade, e com a maior naturalidade e singeleza. Em quanto as visitas cheias de espanto interrogavam debalde Mr. de Louvois, que com o garbo d'um triumphador conduzia as senhoras para o salão, chegou Mr. de Souvré. Ao ver seu filho ornado com os despojos da sua alcova, deu dois passos para traz, e em tom cholérico lhe perguntou o motivo de semelhante extravagancia.

Meu pai, respondeu Mr. de Louvois, vós me tinheis mandado apparecer hoje com vestido de novo, e como não tinha á minha disposição senão este panno, vi-me obrigado a aproveitá-lo para obedecer-vos.



HABITAÇÃO DOS PURIS.

OS INDIOS PURIS.

O PAIZ plano, e cuberto de florestas, ao norte do rio Parahiba no Brazil, é habitado por uma tribu de Indios conhecidos pelo nome de Puris. A seguinte relação de seu modo de viver em seus bosques nataes é abbreviada das Viagens do Principe Maximiliano, que visitou o Brazil pelo anno de 1818.

«Tendo mandado um mensageiro aos bosques para annunciar a minha intenção de os visitar (diz o principe), cinco homens, e tres ou quatro mulheres com seus filhos acceitaram o convite, e nos saíram ao encontro. Eram todos baixos, não tinham mais de qua-

renta e cinco pollegadas: muitos de robusto corpo, e bem proporcionados. Vinham nus, excepto poucos, que traziam lenços á roda da cintura, ou calções curtos, que alcançaram dos Portuguezes. Alguns traziam as cabeças tosquiadas, outros tinham o cabello, que era basto e côr de carvão, cortado sobre a testa, e o resto pendente em madeixas pelas costas abaixo. Em geral elles tem pouca barba. Usam trazer ao pescoço ramaes de bagas pretas muito duras enfiadas, de que penduram os dentes caninos de macacos, de onças, e de gatos bravos. Os homens andam armados de arcos e flechas, que trocam, bem como todos os demais utensilios seus, por bugiarias e avelorios. Manifestá-

mos-lhes nosso desejo d'entrarmos em seus bosques se nos tractassem bem: convieram nisto; e no dia seguinte penetrámos pela floresta em companhia dos Indios, que outra vez nos vieram esperar; achámos a horda inteira sobre a relva. O grupo destas figuras morenas, enúas, apresentava um singular espectáculo; homens, mulheres, e creanças, tudo estava de mistura, e nos contemplavam entre curiosos, e tímidos. Todos se adornam o mais que podem; e alguns dos homens trazem como enfeite pelles de macacos enroladas á roda da cabeça. Muitos se pintam com malhas encarnadas, e alguns com listas na testa, e faces: outros com faxas pretas ao comprido por todo o corpo, e com riscos atravessados, e salpicos nos intervallos. Muitas creanças são todas matisadas de malhas como os leopardos. Esta pintura parece ser arbitraria, e regulada unicamente pelo gosto do individuo. As mulheres ligam os pulsos e outras juntas com cordões d'entrecasco d'árvores, para adelgaçarem, e também por via de enfeite. Ellas carregam nas suas excursões com os filhos pequenos, e suas provisões em cabazes.

O arco dos Puris tem nove palmos, e mais; é polido, e fabricado do lenho rijo, e escuro, de uma casta de palmeira. As frechas tem pouco menos do comprimento do arco, e são feitas de certa canna forte e nodosa, empennadas n'uma ponta com pennas de lindíssimas cores.

Satisfeita a nossa curiosidade de observar esta pobre gente, lhes pedimos nos levassem a ver suas habitações: toda a tropa se poz a caminho, e nós os seguimos a cavallo. Fomos parar a um valle, e ao cabo delle entrámos por uma estreita vereda, e subitamente viemos ao sitio de suas cabanas, que são em verdade as mais simples do mundo. Compoem-se de uma rede de dormir, suspensa entre dois troncos de arvores fronteiras; por cima corre parallelamente uma vara amarrada pelas pontas aos mesmos troncos com certa corda, que fabricam de uma grande especie de corriolas, ou campainhas, esta vara serve para encostar a barlavento, obliquamente, palmas de vastas dimensões, que forram por dentro com folhas de bananeira; e eis-aqui completo o domicilio. Alli ao pé fazem uma pequena fogueira, e proximo desta estão espalhadas algumas cabaças, varias bugiarias d'enfeites, cannas para frechas, pennachos, e provisões, como bananas, e outros fructos. Os arcos e settas estão arriados a uma arvore.

O lume é uma das primeiras necessidades da vida para todas as tribus brazileiras, e por isso o mantêm constantemente em as noites, não só para o terem prompto, como pela vantagem de afugentar as feras.

Alguns tem asseverado que estes povos eram canibaes, e devoravam os seus defunctos em demonstração de affecto; porém é certo que de taes costumes hoje não resta o menor vestigio.

Vendem grandes ballotes de cera, que recolhem quando andam á pesquisa do mel silvestre, e também fabricam della umas tochas, que ardem muito bem. Estimam sobremaneira uma navalha, que trazem pendurada d'um cordel; as mais das vezes é um pedaço de ferro aguçado em pedras.

Alguns escriptores negam a estas tribus americanas as idéas religiosas; mas em todas as que visitei encontrei provas evidentes de uma crença qualquer. Os selvagens brazílicos creem na existencia de entes poderosos, reputando o principal o trovão, a que chamam *tyta*, ou *tupan*. Muitos delles teem uma idéa confusa do diluvio universal.

Os Puris tem uns *pajés*, que são uma casta de feiticeiros que existem com diversos nomes em todas as hordas primitivas. Dizemos feiticeiros, porque os selva-

gens assim os reputam: são os seus padres e medicos a um tempo, e os advinhos, que predizem a sorte das empresas da tribu, que fazem os conjuros, e outras macaquices muito usuaves entre estes barbaros.

Os vinculos de familia são mui relaxados nesta tribu. Raro se intromette o chefe em desavenças domesticas. Não ha precedencia entre o primogenito e os outros irmãos; e quasi nenhuma differença de pais a filhos. Em suas guerras o general é o melhor caçador, o que matou mais jaguares (onças do Brazil).

Qualquer toma as mulheres, que lhe convém, ou que póde sustentar; e as abandona quando lhe dá na cabeça: mas não obstante esta indefinida tolerancia, ha consideravel numero de monogamos. As mulheres chegam muito cedo á maternidade: é frequente ver raparigas de vinte annos com quatro filhos, mas poucas passam deste numero. A celebração do matrimonio exige poucas formalidades. O noivo dá aos pais da moça um pequeno presente, e leva a noiva para casa.

Os homens só se occupam na caça; e os trabalhos caseiros, e de sua tenue agricultura estão a cargo das mulheres. A injusta repartição do trabalho é circumstancia geralmente notada em todas as nações americanas dos sertões.

Como estes Indios vivem regularissimamente, de raro adoecem, e chegam de ordinario a mui avançada idade. Quando se sentem indispostos accendem um grande fogo ao pé da cabana, deitam-se na maca, e esperam. Se peoram, chama-se o *pajé*, que lhe dá umas fumigações, ou certas fricções com hervas escolhidas, ou simplesmente com a saliva: também costumam sangrar-se.

Quando morre algum o enterram na barraca, que fica abandonada, se o defuncto era já adulto. Embrulham o corpo em grosseiros pannos de algodão, e o lançam á terra, em cima da qual vem homens e mulheres fazer uma pateada, exhalando gritos, e lamentos. Até recitam, ao que parece, uma especie de oração funebre. Já se vê que este povo não é inteiramente destituido de ritual.

PARTICULARIDADES RELATIVAS ÁS CORES.

PROMETTEMOS no decimo numero deste periodico entrar em mais algumas particularidades ácerca dos interessantes phenomenos que se observam a certas distancias nos objectos corados, e desempenhando agora a promessa quanto cabe em tão curto espaço apresentaremos, sobre uma descoberta susceptivel de numerosas applicações ás artes, algumas idéas expendidas nas lições do professor Chevreul, o qual pretendia consagrar a este assumpto uma obra especial, que já deve ter saído á luz, onde sem duvida acharão os leitores, desejosos de se instruirem neste ramo da optica, tudo quanto possam desejar.

Ha uma experiencia curiosa que todos podem repetir, e é esta: Fitai os olhos por alguns momentos n'um quadrado vermelho posto em cima de papel branco, e dentro em pouco o vereis guarnecido de uma ourela de côr *verde desmaiada*, e se depois de ter demorado a vista largo espaço sobre este objecto, a lançardes sobre outro fundo branco posto a alguma distancia, enxergareis em cima deste um quadrado da mesma grandeza do *vermelho*, porém de côr *verde pallida*.

Por tanto o olho quando acabar de soffrer a sensação do vermelho apprecia de uma maneira particular os objectos corados, que se lhe apresentam, e lhes sobrepoem a côr verde; reciprocamente, se em primeiro lugar se fita n'um objecto verde, sobrepôr-

lhe-ha a côr encarnada. Dá-se o nome a estas duas cores de *complementarias* uma da outra.

Esta propriedade não está sómente provada pelo que respeita ao verde, tanto assim que com o auxilio de experiencias exactissimas formou-se o quadro seguinte :

Verde azulado — Complemento — Vermelho.
 Rôxo Amarello levemente esverdinhado.
 Azul Alaranjado.
 Anilado Amarello levemente alaranjado.

Duas cores complementarias teem tambem a propriedade de formar a branca quando as misturam.

Passemos agora aos phenomenos que receberam de Mr. Chevreul o nome de *contrastos simultaneos*.

Se olhardes ao mesmo tempo (*simultaneamente*) para duas tiras de panno ou de papel de differentes cores postas uma a par da outra, reconhecereis nos tons e gradações das cores, modificações que serão mais ou menos sensiveis, conforme for a delicadeza do olho que as apreciar, e a natureza mesma das cores. Todas as modificações dependem desta lei achada por Mr. Chevreul, *que quando o olho soffre simultaneamente a impressão de duas cores que estão em contacto as vê o mais dissimilhanes que é possível*.

Illustremos esta theoria. — Tomai dois vélos de lâ *CC* tintos de carmesim escuro e perfeitamente identicos; tomai outros dois *cc* tintos do mesmo carmin, porém fraco, e tambem perfeitamente identicos: ponde-os pela ordem seguinte em cima d'uma mesa, a saber *C . . . C' c' . . . c* de modo que *C* e *c'* fiquem em contacto, e vereis claramente que *C* é mais escuro do que *C'*, e pelo contrario que *c'* é mais claro que *c*. Assim quando uma côr mais escura é posta ao pé d'outra mais clara, a escura augmenta de intensidade, e a clara enfraquece, isto é, segundo a lei acima enunciada, *a differença da intensidade das cores augmenta pela sua juxta-posição*. Esta experiencia é muito concludente, e se em quanto o olho está fito nos quatro vélos, o demonstrador tomando por exemplo *C* e *C'* os muda reciprocamente de logar, percebe-se durante o transporte a modificação de intensidades que se effectua entre os dois carmesins, e vê-se *C* e *C'* parecerem identicos, e depois este mais intenso do que aquelle.

Eis-aqui outra experiencia que está ao alcance de maior numero de pessoas, e que mostra o facto precedente d'uma maneira ainda mais distincta. — Dividi uma folha de papel em tiras iguaes 1, 2, 3, &c.;

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
1		2		3		4		5	
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j

dai em toda ella uma aguada de tinta da China, e quando esta estiver enxuta, segunda aguada exceptuando a tira 1, depois terceira reservando as tiras 1 e 2, &c., e tereis uma serie de tiras cujas cores vão, a começar da primeira, sendo successivamente mais escuras; porém se vos puzerdes a alguma distancia vereis que cada tira em vez de apresentar uma côr igual, apresenta duas gradações muito distinctas: a tira 4, por exemplo, parecerá mais escura ao longo do listão *gg*, e mais clara no listão *hh* do que realmente é. Recordemo-nos com effeito da lei acima enunciada, em virtude da qual, e por ser a tira numero 4 mais escura do que a numero 3, deve o listão

gg augmentar de intensidade, visto estar a par do listão *ff*. Pela mesma razão sendo a tira 4 mais clara do que a 5, deve a lista *hh* diminuir de intensidade a par da lista *ii*, e parecerem de cores differentes as listas *gg* e *hh*.

Se quizerdes ver as tiras de uma só côr, basta que tapeis com outras de papel branco as tiras 3 e 5.

Vejamos agora o que aconteceria se puzessemos o amarello ao pé do alaranjado, o verde junto ao rôxo, &c. A lei já exposta, *quando o olho soffre simultaneamente a impressão de duas cores que estão em contacto as vê o mais dissimilhanes que é possível*, nos ensinaria a fazer o resultado; mas para fugirmos ao peso da linguagem scientifica nas explicações chamamos em nosso auxilio a dos pintores, que admittem na prática tres cores simples, o *vermelho*, o *amarello*, e o *azul*, com as quaes compoem as outras, isto é, que fazem o alaranjado de vermelho e amarello, o verde de amarello e azul, o anilado e o rôxo de azul e encarnado em differentes proporções.

Se puzermos em juxta-posição uma tira verde e outra rôxa, como o verde é composto de azul e amarello, e o rôxo de vermelho e azul, teem estas duas cores um elemento commum, que é o azul, e por tanto é claro que a dissimilhança entre o rôxo e o verde augmentará á custa do enfraquecimento do dito elemento. Com effeito, acontece que perdendo o verde e o rôxo o seu azul parecem aquelle mais amarello, e este mais vermelho.

Notar-se-hão effeitos semelhantes em todos os grupos de duas cores compostas que tiverem uma côr simples por elemento commum; assim postos em juxta-posição o alaranjado e o verde, parecerá o primeiro mais vermelho e o segundo mais azul, porque cada um delles perderá certa porção do seu amarello.

Ponham-se agora em contacto as cores vermelha e rôxa; que o rôxo perderá parte do seu vermelho é facil de advinhar á vista do que fica exposto, mas que o vermelho adquirirá certa porção de amarello é o que carece de explicação. Todavia facilmente atinará de que o rôxo é côr complementaria do amarello; ora entre duas côres complementarias não existe elemento commum, e por conseguinte estão no estado da maior dissimilhança possível; assim no caso proposto o vermelho tomará amarello para ficar ainda mais dissimilhante do rôxo.

O resultado será o mesmo se se puzerem em juxta-posição uma côr composta e outra simples que entre na composta. Assim entre o alaranjado e o vermelho, o alaranjado faz-se mais amarello, e o vermelho toma o azul complementario do alaranjado. Da mesma fórma entre o rôxo escuro, o rôxo larga o azul, e parece mais vermelho, e o azul toma o amarello complementario do rôxo. Esta ultima combinação de cores é desagradavel, e a juxta-posição as faz parecer como desbotadas pelo sol.

Os exemplos precedentes bastam para fazer comprehender a lei dos *contrastos simultaneos*. N'um ultimo artigo tractaremos das applicações de que estes resultados são susceptiveis nas artes.

COSTUMES HESPANHOES.

OS MARAGATOS.

OS MARAGATOS, tribu distincta dos povos visinhos pelo seu character, usos, e costumes, occupam as montanhas de Astorga na Castella a Velha, formam sociedade á parte, e olham com profundo desprezo para tudo que lhes é estranho. Quasi todos elles são *arri-ci-*

ros, isto é, almocreves, e posto que sejam francos e dotados de reconhecida probidade, são graves e taciturnos, e jámais cantam nas estradas quando conduzem as mulas. Ainda que fortes e vigorosos, são enxutos de carnes, e magros de rosto. As mulheres desta raça são robustas e de animo provado.

Esta pequena tribu tem sido alvo de muitas discussões na Hespanha, porém nada se sabe com certeza acerca da sua origem, cuja remota antiguidade attesta o afferro aos seus particulares costumes e hereditarias occupaões. Refere o historiador Mariana, que D. Affonso, rei de Leão, que reinava no meado do oitavo seculo, houve de uma barregãa de humilde nascimento um bastardo, por nome Mauregato. Por morte de Affonso, passou a corôa a Affonso 2.º, seu neto; porém Mauregato apesar do seu illegitimo nascimento allegou ter direito ao throno, e aspirou á herança paterna. Achando-se á frente d'um partido que conseguira formar, como não se julgasse com sufficientes forças para sustentar a sua pretensão com as armas na mão, recorreu aos Mouros, e obrigou-se a pagar-lhes, se o assistissem na empreza, um tributo annual de cinquenta donzellas nobres, e outras tantas de baixa condição. Debaixo de taes condições lhe enviou Abderraman, rei de Cordova, soccorros consideraveis.

Não tinha Affonso forças para oppôr á torrente dos barbaros, e por isso, desamparando a capital, foi refugiar-se nas montanhas da Biscaya, entre tanto que Mauregato subia ao throno, que occupou perto de seis annos. Durante o seu reinado cedeu muitas terras e praças aos Mouros, que o mantinham na posse da usurpada soberania.

Querem alguns que os Maragatos actuaes sejam os descendentes dos ajudadores mahometanos daquelle usurpador; mas esta opinião quasi que não tem outro fundamento senão a mera semelhança dos nomes, pois não se funda em monumento algum historico: apenas as mulheres conservam em seu trajar vestigios do vestuario mourisco. É este trajo inteiramente original, e não conserva a minima semelhança com os modos de vestir dos Hespanhoes, porque trazem na cabeça uma especie de chapeos brancos, que muito se parecem na côr e feitio com os de que usam as Mouras. Costumam pintar os cabellos, que, separados em duas porções na testa, lhes pendem sobre as faces, ornar as orelhas de enormes argolas, e enfeitar-se com rosarios de coral, que lhes caem sobre o peito á maneira de collares, em que trazem pendurados centos de medalhas de prata, e de imagens de sanctos. Os seus vestidos são de cores escuras, abotoados desde cima até abaixo, e tem mangas largas e abertas pela parte de traz.

Os homens usam de chapeos pyramidaes, de jaquetas apertadas ao corpo por meio de cintos, e largas calças atadas nos joelhos, mas que chegam até meia perna abaixo da liga. Um collar enrocado lhes cobre a garganta, e umas polainas de panno abotoadas completam o vestuario quasi semelhante aos que representam algumas medalhas desconhecidas da península iberica, e das quaes entre outras, existe uma, que dizem ser celtiberica, em que se vê gravada a effigie d'um cavalleiro exactamente vestido como um Maragato moderno. Pretendem os antiquarios que este monumento seja coevo do dominio carthaginez.

Vivem os Maragatos dispersos em aldeias, confederadas em virtude de uma especie de tracto tacito, e sujeitas a regras fixas, que nenhuma deixa de observar. Se algum delles infringisse os usos e costumes da sociedade della seria expulso. Não casam senão com pessoas da mesma tribu, e logo que uma rapariga é promettida não pôde fallar com outro rapaz que não

seja o seu noivo, sob pena de lhe ser imposta uma multa, que é ordinariamente paga em vinho. Todos os mancebos a perseguem para a fazer cair no laço, obrigando-a á força de importunas diligencias a travar conversação com elles. As mulheres depois de casadas deixam de pintar os cabellos, e em quanto os seus maridos se occupam no seu trafico, e em correr com as mulas pelos montes da Galliza, dão-se aos trabalhos da agricultura, e aos cuidados domesticos.

Esta tribu poderia viver na abundancia, por ser composta de homens activos e industriosos, porém como poucas precisões conhecem, creem ser mais christão viverem na pobreza. Parece que os Maragatos são o typo daquelles despiedados almocreves com que o famoso D. Quichote, na engenhosa ficção de Cervantes, teve por mal de seus peccados um funesto encontro de que saiu, segundo o seu costume, com as costellas amolgadas.

Os costumes maragatos se vão modificando de dia em dia, e o curso dos seculos, e o contacto dos homens lhes tem já tirado grande parte da primitiva originalidade. O trajo das mulheres tem, com especialidade, soffrido notaveis alteraões, e pôde prever-se o dia em que passando por cima desta raça esquecida o grande nivel da civilisação, ella ficará confundida com os seus visinhos.

OS ANÕES.

Em uma das sessões da Academia de Paris, deste anno, foi apresentado um anão por nome Mathias Gullias, de idade de vinte e dois annos. É filho de pais bem apessoados, e deixou de crescer aos cinco annos. Tem cabeça volumosa, figura expressiva e regular, e não tem apparencia de barba; a taboa do peito é dilatada e bem desenvolvida, a columna vestebreal direita; e as pernas, e os braços proporcionados á sua estatura de 4 palmos e meio de alto.

Os mais antigos auctores fallam de anões, e até admittiam povoaões inteiras delles nas regiões mais aridas da Africa. Mas esta hypothese carece de fundamento; e a existencia dos Troglodytas na Abyssinia é tão digna de credito como a dos Pygmeus, que diziam os Gregos andavam sempre em guerra com os grous, que lhes devastavam as searas. Fazendo porém abstracção destas nações imaginarias, e de alguns contos especiaes, como de um poeta chamado Philetas, tão pequeno, e tão leve, que era necessario pôr-lhe solas de chumbo no calçado para o vento o não derribar, é pelo menos incontestavel que a antiguidade conheceu muitos anões. Marco Antonio, um dos Triumviros, tinha em casa um de tres palmos de altura. Domiciano juntou quantidade delles, de que pretendia compôr um troço de gladiadores. Na conquista do Mexico, os Hespanhoes acharam bastantes no palacio de Montezuma, que este principe conservava para seu divertimento. Quando a moda dos bobos do paço caiu em desuso na Europa, pelos fins do 16.º seculo, adquiriram os anões o triste privilegio de os substituir. Catharina de Medicis reuniu alguns de ambos os sexos, e os casou, porém estes matrimonios foram quasi sempre estereis.

Os jornaes inglezes deste anno annunciaram o nascimento em Londres de um anão de 15½ pollegadas, e que pesava vinte onças. Mas apesar de nascer em praso regular, e de ser perfeita a configuração externa, não viveu mais de uma hora. Este factio é sobretudo notavel pela estatura dos pais, porque longe de ser ordinaria, como acontece com todos os que geram anões, os progenitores daquella creança, Dom Sanctiago de los Santos e sua mulher Anna Hopkins,

tambem são anões. Dom Sanctiago é filho de Manilha: tinha sido exposto n'um matto, o vice-rei andando á caça o viu, compadeceu-se delle, e o salvou. Tem 25 pollegadas de alto, e de idade quarenta annos. Em Birmingham travou conhecimento com a mulher, com quem está casado, que tem 31 annos, e é mais alta treze pollegadas. Amaram-se logo que se viram, e a sua união celebrou-se nesta cidade em 14 de Julho de 1852. Dom Sanctiago é dotado de boa constituição; falla muitas linguas; e é apaixonado pela musica, e artefactos de ourives. Sua habitual bebida é agua quente; só nos dias de festa toma uma pinga de vinho. Sua mulher é de gentil figura. Em summa é um par completo.

O estado de anão póde ser temporario. O sabio Vi-rey refere a historia de um rapaz anão, que chegando á idade de quinze annos se desenvolveu rapidamente, e não tardou a ter a altura de sete palmos e meio. Outras vezes, individuos, que nasceram com as dimensões normaes, páram cedo no seu crescimento geral, e ficam toda a sua vida inferiores á estatura de adultos. Finalmente creanças notaveis pela extrema pequenez, logo que saem á luz do mundo, são anões em todos os periodos da sua existencia. Estes tres generos abrangem todas as anomalias de diminuição de estatura.

Os anões em geral são irasciveis, e turbulentos. A circulação, e as outras funcções vitaes effectuam-se nestes corpos com maior rapidez, porque o giro, e o espaço é mais circumscripto, e mais cedo se avelhentam. Alguns morrem caducos, e enfermos aos vinte e cinco annos; porém muitos seguem longa carreira, e conservam boa saude até mui avançada idade. Uns, como o celebre Bebé, são quasi idiotas; outros, como Borwilaski, fidalgo polaco, mostram ao contrario uma intelligencia pouco vulgar. Jeffery Hudjon, favorito de Henriqueta de França, rainha d'Inglaterra, deu provas de coragem: n'uma disputa, que teve com um chamado Croft, não temeu desafia-lo. O desafio foi de pistola, e a cavallo; e Croft morreu ao primeiro tiro. Este anão figura no romance historico de Walter Scott, intitulado, *Peveril of Peak*.

Mathias Gullias, de que acima fallámos, tem talento, falla cinco linguas; monta a cavallo, atira bem, e conversa agradavelmente.

APROVEITAR PARA TER.

PARABOLA.

PROSEGUA seu caminho para uma povoação um derviche acompanhado de outro, proselyto ainda novato; descobriu na estrada o quer que era luzidio: era uma ferradura partida; disse ao seu companheiro que a apanhasse, mas este que ia todo embebido em idéas da grandeza, e importancia do seu novo estado, sonhando com a veneração, que lhe tributariam os fieis crentes, não esteve para se abaixar a ninharias, e fez ouvidos de mercador.

O derviche apanhou o pedaço de ferro, e calou-se: á entrada do logar estava um ferreiro, e vendeu-lh'o por alguns tantos réis. Logo mais adiante era o mercado, viu á venda formosas ameixas maduras, e comprou dellas aquelle dinheiro, e as mettu na saccola. Não pousaram na villa; e o caminho, que levavam ía por meio de campinas sem arvores, nem casas, inteiramente destituido de sombra: era na maior força do dia, o sol queimava, e por maior desventura o sitio era arido; dar-se-ia a bolsa mais recheada por um copo d'agua. O derviche velho, que sempre ía adiante, puxou das ameixas, comeu, e, como por descuido, deixou cair uma: o noviço, que o seguia, abai-xou-se logo a colhe-la, com tanta pressa como se fos-

se um pomo d'ouro do jardim das Hesperides. Aquella ameixa o refrescou. Dahi a pouco o velho tornou a deixar cair outra ameixa, que tambem não ficou na estrada. Assim por intervallos foi obrigando o seu discipulo a dobrar-se para apanhar as ameixas, que lhe largava, até que voltando-se para elle lhe disse: mancebo, se te tivesses abaixado quando convinha, comerias agora as tuas ameixas mais commodamente; quem despreza as coisas tenues arrisca-se a ter depois muito trabalho por coisas ainda menos importantes.

Aconteceu vir um amigo do grande artista Miguel Angelo visita-lo quando estava concluindo uma estatua. Passado tempo segundou a visita, e vendo-o trabalhar na mesma estatua, disse-lhe: — Nada tendes adiantado desde a vez ultima que vos visitei? — Enganais-vos; — retoquei esta parte, poli aquella; fiz sobressair mais este musculo, dei mais expressão a este beijo, mais energia a este braço. — Bem! bem! mas isso são bagatellas. — É verdade; mas lembrai-vos que se não háo-de desprezar as bagatellas, para conseguir a perfeição; e a perfeição não é bagatella.

Extincção dos mosquitos. — Ha um meio excellente para acabar com estes insectos, em qualquer parte que os haja. — Accenda-se um fogareiro, e deite-se no lume um punhado da farinha de mandioca, chamada farinha de páu. O fumo della fará desaparecer inteiramente os mosquitos.

Meio de afastar as formigas do pé das arvores. — Este meio cuja infallibilidade assim como a do precedente, e affiançada por C. A. Dubois que o puzera em pratica sempre com feliz resultado, consiste em semear violas junto dos pés das arvores, as quaes devem ser regadas a miudo no primeiro anno. Arranquem-se as violas no anno seguinte, e as formigas não tornarão a apparecer no pé das arvores.

Outra receita para o mesmo fim. — Desfaça-se fuligem de forno em um copo de oleo de linhaça, e applique-se esta mistura sobre a arvore ou planta que se pretender preservar.

O auctor desta receita, que fazendo-a publicar n'um jornal estrangeiro, affirma ter sido coroada por um optimo resultado, accrescenta que até se conseguiu afastar as formigas dos cortiços, unctando com esta mistura os buracos por onde ellas se introduzem. Tambem diz que este processo simplicissimo poderia ser applicado á destruição dos persevejos.

Em todo o caso, como qualquer dellas não exige grandes gastos, nem depende de complicadas operações, mui proveitoso seria o pô-las em prática, para que, se a experiencia confirmasse a sua bondade, podessem ser affoutamente recommendadas, e adoptadas por todos os cultivadores.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrirem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.